

## Texto como discurso: leitura de uma crônica

### Texto como discurso: leer una crónica

Graciele Hilda Welter<sup>1</sup>  
Sandra Mariani Batista<sup>2</sup>

#### **Resumo**

*Este trabalho propõe a análise de um texto como discurso. Dessa forma, tem por objetivo: analisar, sob o viés da semiolinguística, proposta por Patrick Charaudeau (2007; 2008; 2012), os aspectos discursivos de uma crônica do jornal Zero Hora. Isso, porque, pensar a leitura como processo discursivo, requer compreender quem são os sujeitos da enunciação. Implica entender, também, o discurso como ato de comunicação que possui uma intencionalidade, visto que os sujeitos da linguagem são regulados por um contrato de comunicação, realizado em uma dada situação comunicativa. Nesse sentido, é necessário caracterizar o texto como discurso veiculado pela mídia e compreender o processo de construção dos sentidos. A análise revelou, que entremeada no fio discursivo, verificamos a constituição do sentido do texto, considerando a presença dos responsáveis pelo ato de linguagem interenunciativo, o contrato de comunicação e as instâncias da produção e da recepção do discurso. Além de compreendemos, também, que a crônica aborda, com maestria, um tema atual e faz uso de estratégias que constituem o discurso de forma a tornar o leitor, um cúmplice do processo de comunicação.*

**Palavras-chave:** Semiolinguística. Construção de sentidos. Crônica

#### **Resumen**

*Este trabajo propone el análisis de un texto como discurso. Así, tiene como objetivo: analizar, bajo el sesgo de la semiolinguística, propuesta por Patrick Charaudeau (2007, 2008, 2012), los aspectos discursivos de una crónica del periódico Zero Hora. Esto se debe a que pensar en la lectura como un proceso discursivo requiere comprender quiénes son los sujetos de la enunciación. Además, implica entender el discurso como un acto de comunicación que tiene una intencionalidad, porque los sujetos del lenguaje están regulados por un contrato de comunicación, llevado a cabo en una dada situación comunicativa. En este sentido, es necesario caracterizar el texto como un discurso transmitido por los medios de comunicación y comprender el proceso de construcción de significados. El análisis reveló que intercalados en el hilo discursivo, verificamos la constitución del significado del texto, considerando la presencia de los responsables del acto del lenguaje interenunciativo, el contrato de comunicación y las instancias de producción y recepción del discurso. Y, también, entendemos que la crónica aborda con dominio un tema actual y hace uso de estrategias que constituyen el discurso para que el lector sea un cómplice en el proceso de comunicación.*

**Palabras clave:** Semiolinguística. Construcción de significados. Crónica

**Recebido em:** 06/08/2020

**Aceito em:** 03/02/2021

<sup>1</sup> Instituto Federal Farroupilha- IFFar Campus Santa Rosa -RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7042-9820>.

<sup>2</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Santo Ângelo - RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1149-378X>.

## Introdução

A complexa relação entre o homem, a linguagem e a sociedade tem sido foco de muitas pesquisas. De forma especial, pesquisas de profissionais que atuam na perspectiva da análise do discurso e buscam conhecimentos que legitimem práticas de leitura que possam aperfeiçoar o processo de construção dos sentidos.

Por isso, neste trabalho, por meio da Teoria Semiociológica de Patrick Charaudeau (2007; 2008; 2012), temos o objetivo de mostrar que para compor o sentido do discurso é necessário compreender o quadro complexo que envolve o processo de comunicação em uma determinada situação, os interlocutores e as finalidades comunicativas, regulados por um contrato de comunicação e pela influência da mídia.

Para tanto, pretendemos esclarecer o processo enunciativo utilizado na produção de uma crônica de David Coimbra, publicada no Zero Hora, intitulada “O ladrão arrependido”, e verificar como se realiza a construção do sentido com base no ato de linguagem dos sujeitos implicados no ato interenunciativo. Desta forma, interrogamos: qual a contribuição dos estudos semiociológicos para a atividade de leitura desta crônica jornalística?

Em seus textos, o colunista David Coimbra utiliza diferentes recursos de linguagem verbal que conferem aos seus textos uma identidade muito particular. Por isso, nesse *corpus*, a análise ocorre ancorada em pesquisa bibliográfica e na metodologia categorizada por meio da identificação e caracterização dos sujeitos da linguagem, sob a organização do discurso veiculado na mídia.

Este trabalho apresenta-se organizado da seguinte forma: na primeira seção são apresentados os quatro sujeitos envolvidos no ato de linguagem e sua atuação em função do contrato de comunicação. Na segunda seção são consideradas as características próprias do discurso produzido pela mídia: as instâncias da produção e da recepção do discurso. Na terceira, são apresentados o *corpus* e a metodologia de análise. Na seção seguinte, é discutido o processo de produção de sentidos, tendo a crônica de Davi Coimbra como objeto de análise. E, na última seção, são delineados alguns resultados e as considerações que finalizam este trabalho.

## Os sujeitos da linguagem e o contrato de comunicação implicados no ato interenunciativo

Ao estudar concepções que abordam o processo de comunicação, observamos que a simplificação da análise, que confere apenas a existência de um emissor e um receptor em um processo de comunicação idealizado, não permite compreender como ocorre a produção de sentidos. Por isso, neste trabalho, alicerçamos nosso estudo sob a teoria de Patrik Charaudeau.

Conforme explica Charaudeau (2007):

Eis porque a posição que tomamos na análise do discurso pode ser chamada de *semiociológica*, *Semio-*, de “semiosis”, evocando o fato de que a construção do **sentido** e sua configuração se fazem através de uma

relação forma-sentido(em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; lingüística para destacar que a matéria principal da forma em questão – a das **línguas naturais** (CHARAUDEAU, 2007, p. 13, grifos do autor).

Dessa forma, estudar a Análise do Discurso significa conhecer uma série de reflexões voltadas à leitura e interpretação de textos, as quais mobilizam dispositivos teóricos e metodológicos próprios. E, por meio da perspectiva adotada pelo teórico é possível compreendermos as contribuições dos estudos semiolinguísticos à construção dos sentidos.

O criador da semiolinguística (2008) concebe o ato de linguagem como ato interenunciativo, ato que envolve quatro sujeitos no complexo processo de comunicação. A partir de suas reflexões, o estudioso propõe uma estratégia de análise dos discursos capaz de contemplar as várias dimensões envolvidas no ato de linguagem, dimensões que consideram os saberes dos protagonistas do discurso.

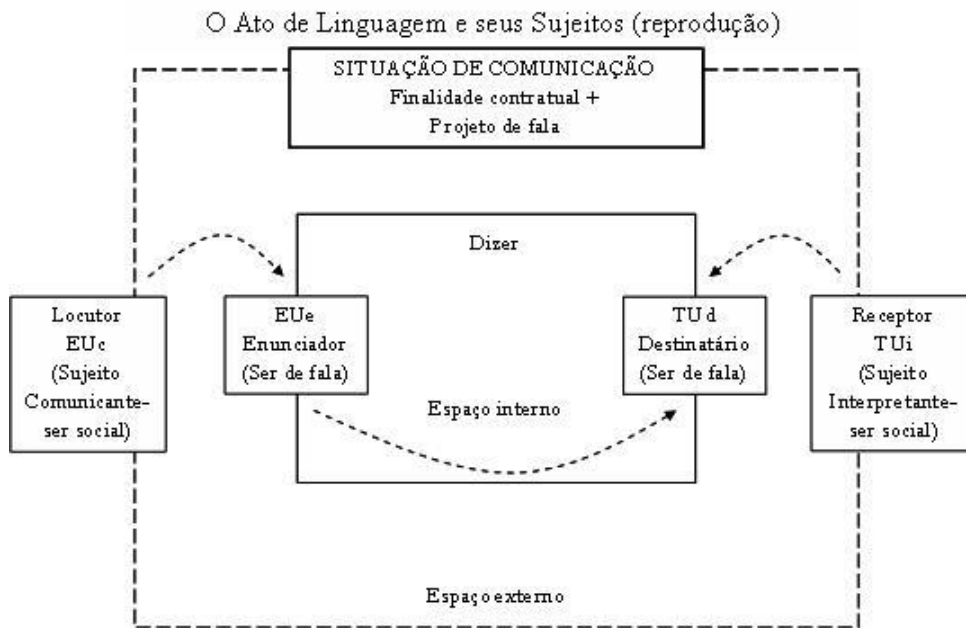
Desse modo, Charaudeau (2008) explica que:

O EUE (sujeito Enunciador) é um sujeito de fala (como o TUD) realizado e instituído na fala. O EUE é responsável por um certo *efeito de discurso* produzido sobre o interpretante. Porém, como esse *efeito de discurso* depende igualmente do que é o TUI, é o TUI que, em compensação, constrói (para si) uma certa imagem do EUE. Assim, o EUE é sempre uma imagem de fala que oculta em maior ou menor grau o EUC. O EUC (sujeito comunicante) é um sujeito agente (como o TUI), localizado na esfera externa do ato de linguagem, mas, responsável por sua organização. O EUC é o iniciador –responsável pelo ato de produção e é a relação EUC-EUE que produz um certo *efeito pragmático* sobre o Interpretante. O EUC é sempre considerado como uma *testemunha do real*, mas, dentro desse “real”, depende do conhecimento que o TUI tem sobre ele (CHARAUDEAU, 2008, p. 51-52, grifos do autor).

Assim, ao considerar o processo de comunicação como ato interenunciativo, precisamos compreender que o EUE (assim como o TUD) é um ser que passa a existir no discurso, no e pelo ato de produção e de interpretação. É esse ato que lhe dá uma identidade exclusivamente linguageira, independente em parte, do EUC e do TUI. O EUC é, como o TUI, um sujeito agente que se institui na enunciação como locutor e articulador de fala, denominado sujeito comunicante. Ele é o iniciador do processo de comunicação, processo construído em função das circunstâncias de discurso que constituem sua intencionalidade e o ligam ao TU. Nesta concepção, a análise dos fenômenos lingüísticos é indissociável da situação de uso da língua pelos sujeitos: EUE; EUC; TUD; TUI. Situado no mundo social, o EUC é movido por uma determinada intenção, ou seja, ele inicia o processo de comunicação porque quer atingir um objetivo, porque por meio do uso da língua deseja influenciar o TUD.

Charaudeau (2008) apresenta um esquema, conforme figura 1, sobre o ato de linguagem e seus sujeitos.

Figura 1 – Esquema sobre o ato de linguagem e seus sujeitos



Fonte: Charaudeau (2008, p. 52).

No esquema, observamos a representação dos espaços interno e externo, ambos envolvidos no circuito de produção e interpretação. O espaço externo é o espaço social, que contempla o sujeito e sua subjetividade. O espaço interno compreende o dizer, ou seja, o discurso. A proposição apresentada pelo linguista francês é de que todo ato de linguagem terá um desdobramento pelo efeito do discurso, que resulta em uma rede imaginária formada pelos quatro protagonistas.

Dessa forma, Charaudeau (2007) afirma que a “linguagem é *multidimensional*” (CHARAUDEAU, 2007, p. 12, grifo do autor) por isso a análise discursivo-textual deve receber um tratamento científico apropriado, para tanto ele apresenta a análise semiolinguística do texto e do discurso, a qual valoriza a construção do sentido atrelada a um sujeito intencional dentro de um determinado quadro de ação linguageira. Ao abordar a estrutura e a forma na linguagem em uso, considerando o espaço social e o espaço do discurso, demonstra que o EUe e o EUC não exercem controle sobre o TUi. Só pela aceitação do contrato de comunicação é que o TUd poderá se transformar no TUi.

De acordo com Charaudeau (2008):

A noção de *contrato* pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de *reconhecimento* análoga à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma *proposição* que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de *convivência* (CHARAUDEAU, 2008, p. 56, grifos do autor).

O reconhecimento por parte dos interlocutores das restrições do processo comunicativo e também do conhecimento que partilham, os faz aceitar o contrato de comunicação. Esse contrato reúne as condições necessárias para a realização do ato de comunicação determinado pelas circunstâncias da enunciação, pois, segundo Charaudeau

(2008):

Em nossa concepção, as estratégias de poder exercidas em uma sociedade são o resultado de um jogo de ser e de parecer entre o estatuto social dos sujeitos do circuito comunicativo (EUc/TU<sub>i</sub>) e o estatuto linguageiro dos sujeitos que a manifestação linguageira constrói (EUe/TU<sub>d</sub>) (CHARAUDEAU, 2008, p. 62).

Dessa forma, o ato de comunicação é composto por regras que não podem ser rompidas pelos parceiros, sob pena de não haver a comunicação. Também contempla espaço de manobras que compreendem os diferentes tipos de configurações discursivas de que o sujeito comunicante dispõe para atingir seus objetivos. Portanto, por meio do contrato de comunicação é validado ou não o processo de comunicação entre os interlocutores; é validado um sentido possível para o discurso. Mesmo assim, analisar um texto não é simplesmente reconhecer o papel linguageiro do EU e do TU.

Charaudeau (2008) postula que:

Deve-se, sim, dar conta dos *possíveis interpretativos* que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e de interpretação. O *sujeito analisante* está em uma posição de coletor de pontos de vista interpretativos, e por meio da comparação, deve extrair constantes e variáveis do processo analisado (CHARAUDEAU, 2008, p. 63, grifo do autor).

Analisar um texto, enquanto discurso, implica entender o discurso como ato de comunicação que possui uma intencionalidade, porque os sujeitos da linguagem são regulados por um contrato de comunicação, realizado em uma dada situação comunicativa. Consequentemente, os sentidos do texto produzido serão, ao mesmo tempo, determinados pelas restrições da situação de troca, e singulares pela especificidade do objetivo do discurso. Cabe ao analista do discurso, então, descortinar sentidos aos olhos dos leitores, destacando as características dos comportamentos linguageiros segundo o contrato de comunicação.

Por isso, na próxima seção buscamos refletir sobre o papel da mídia e sua influência na organização do discurso, considerando que nosso *corpus* foi veiculado por um jornal de grande circulação em meio impresso.

### **Mídia e construção dos sentidos**

Para pensar a construção do sentido, precisamos observar que cada discurso nasce atrelado a uma determinada situação de produção. O criador da semiolinguística estuda a representação de espaços interno e externo, os quais compõem o circuito de produção e interpretação do texto. Esses espaços estão vinculados à cultura, à ideologia, à subjetividade e a própria história da humanidade.

Ademais, vale salientar que esses espaços são flexíveis e, muitas vezes inovadores, mas também podem ser restritivos e coercitivos. Por isso, para compreender essa situação, é necessário pensar quem são os sujeitos que participam dessa troca linguageira, pensar que há um reconhecimento recíproco que tem de ser construído socialmente pelos parceiros

envolvidos nesse ato.

Sujeitos que possuem uma bagagem de conhecimento e que são regulados por um contrato de comunicação e pela influência da mídia, portanto, sujeitos implicados no ato interenunciativo. Nessa interação, também devem ser considerados o conhecimento da língua, os comportamentos linguísticos que constituem a troca, e os elementos dêiticos do aqui e agora.

De acordo com Charaudeau (2012), “o necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca languageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência” (CHARAUDEAU, 2012, p. 69). Então, a semiolinguística compreende um ato de troca entre dois parceiros, ligados por uma intencionalidade. Ato realizado em uma determinada situação marcada por uma intenção subjetiva e regulada por um contrato comunicativo. Ato que na materialidade do texto, analisado como discurso, sob o viés da semiolinguística, faz emergir sentidos possíveis.

Ao considerar o *corpus* em análise neste trabalho, é necessário pensar também no processo de comunicação midiático. Charaudeau (2012) explica que o contrato de comunicação resulta de características próprias dessa situação de troca, organizadas em duas instâncias “uma de produção e outra de recepção” (CHARAUDEAU, 2012, p. 72).

Isso nos exige considerar as características próprias do discurso produzido pela mídia, conforme Charaudeau (2012):

Se falamos de instância é porque o que preside a produção de comunicação midiática é uma entidade compósita que compreende vários tipos de atores: os da direção do organismo de informação que cuidam da saúde econômica da empresa e de sua organização competitiva; os da programação, ligados aos precedentes de maneira a fazer com que as informações escolhidas tenham um certo sucesso junto ao público; os da redação das notícias e os operadores técnicos, que escolhem tratar a informação conforme sua linha editorial (CHARAUDEAU, 2012, p. 73).

Novamente, somos convidados a pensar sobre os atores implicados no ato interenunciativo, sujeitos sociais que dão vida ao discurso midiático, constituído por intenções e por um contrato. Na instância da produção há um EUC que se dirige a um TUD mostrando que o significado não depende apenas de elementos da língua, mas ganham sentido na relação desses elementos com a situação social dos sujeitos dentro de um determinado quadro de referência. Tal quadro engloba o discurso da mídia, marcado por um modo de organização gerenciado pela subjetividade dos interlocutores que produzem sentidos.

Assim, na instância da produção, o EUC assume sua função de iniciador do processo de comunicação ao redigir o texto. Segundo Charaudeau (2012), “nessa instância, o jornalista – quaisquer que sejam suas especificações: generalista/especialista, de escritório/de campo, correspondente, enviado especial, etc. – não é o único ator, mas constitui a figura mais importante” (CHARAUDEAU, 2012, p. 73). Essa afirmação situa o jornalista como ator especial do processo de comunicação, mas não único. Porque sempre ele estará submetido à influência do quadro de referência, à influência da mídia (entidade compósita) sobre o processo que orienta a produção do discurso.

Porque, de acordo com Charaudeau (2012):

[...] nunca se sabe realmente quem pode responder por uma informação, mesmo quando é assinada por um determinado jornalista, de tanto que os efeitos da instância midiática de produção transformam as intenções das instâncias de enunciação discursiva tomada isoladamente (CHARAUDEAU, 2012, p. 74).

Então, na instância da produção, o jornalista não é um simples transmissor de informações, enquanto EUc ele vai criar o discurso, instituindo um EUe, processando a informação segundo a combinação de uma determinada situação de comunicação com uma específica organização discursiva e com um seletivo emprego de marcas linguísticas. Assim, respeitando cada veículo midiático (rádio, televisão, jornal impresso) que influencia de forma particular a constituição do discurso, sendo que cada dispositivo tem características próprias que definirão aspectos da transmissão da informação.

Já na instância da recepção, encontra-se o TUd que pode tornar-se o TUi, caso se efetive o contrato de comunicação. Nessa situação, o TUd é um ator idealizado pelo produtor do texto, já que não se encontra fisicamente presente no ato interenunciativo, ao consideramos o discurso veiculado em forma de texto impresso. Nesse caso, muitas vezes o leitor, o TUd, é o grande público, mas, segundo Charaudeau (2012), “[...] sabe-se que o público é uma entidade compósita que não pode ser tratado de maneira global” (CHARAUDEAU, 2012, p. 78). O leitor neste caso engloba um público de diferentes faixas etárias, de diferentes contextos econômicos, de distintas regiões geográficas, de variados níveis de escolaridade.

Mesmo assim, conforme Charaudeau (2012):

Entretanto, a instância midiática não deixa de fazer previsões a respeito dos movimentos de avaliação do público quando este recebe uma informação. Ela é levada a fazê-lo segundo dois pontos de vista: considerando esse público um alvo ideal ou estudando suas reações (CHARAUDEAU, 2012, p. 79).

Para atender as expectativas do público receptor, o produtor do texto considera um conjunto de fatores que influenciam a elaboração do discurso. Nessa perspectiva, os atos de comunicação são considerados como encenações e a competência de produção e de interpretação ultrapassa o simples conhecimento das palavras e suas regras de combinação, requer um saber mais global, que compreende os elementos contextuais próprios da interação social. Nesse processo discursivo complexo, o ato de comunicação tem uma intencionalidade, busca legitimar o contrato discursivo. Como o discurso é interação, o leitor, enquanto TUi, precisa identificar as intenções do discurso e se dedicar a analisar a construção do sentido do texto.

Ao ressaltar a importância das instâncias de produção e recepção, e qual o papel que elas assumem no complexo processo da comunicação midiática, também temos que observar que há um poder manipulador na perspectiva de que o público leitor também se constitui como consumidores da informação, fato próprio da nossa sociedade capitalista: o texto é estrategicamente elaborado para atingir determinado objetivo e efetivar o contrato de comunicação.

**Corpus e metodologia de análise**

Em nosso estudo, elegemos como *corpus* a crônica, que é um gênero literário muito veiculado na imprensa. Esse texto privilegia certa aproximação do escritor em relação ao leitor, dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se, assim, uma familiaridade entre aquele que escreve e aqueles que leem os textos. Por ser um gênero textual de composição mais livre, o cronista aborda temas variados de diversas áreas, bem como emprega diferentes artifícios para discutir um assunto ou transmitir o seu ponto de vista acerca de um determinado fato.

Segundo Charaudeau (2012), “todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge” (CHARAUDEAU, 2012, p. 67), desta forma, faz compreender que todo discurso possui ancoragem social em algum gênero. Estudar o texto como discurso significa ultrapassar o estudo das estruturas linguísticas da frase e entender o sentido de um texto como um processo dinâmico de interação dentro do processo enunciativo. Daí a necessidade de uma metodologia de análise que considere a enunciação e sua dimensão social constitutiva, pois fora da situação de interação perde-se a dimensão do gênero.

Para ilustrar o processo de leitura pelo viés enunciativo-discursivo, apresentamos na sequência, na íntegra, a crônica publicada pelo jornal Zero Hora, no dia 9 de junho. Para fins de análise, apresentamos o texto organizado em parágrafos conforme o texto original e delimitado em um quadro com as linhas numeradas. Convém enfatizar que os conceitos estudados e discutidos serão utilizados como base para a análise.

A análise está organizada da seguinte forma:

- a) identificação dos parceiros da troca linguageira participantes do ato interenunciativo e de seu objetivo de comunicação.
- b) considerações a respeito dos sujeitos da linguagem regulados por um contrato de comunicação.
- c) análise sobre a produção de sentidos ancorada no trabalho do produtor e do receptor do texto midiático.

1	<b>O ladrão arrependido</b>
2	Há um detalhe revelador na história do ladrão que devolveu o carro para a moça de
3	Canoas. É uma frase do bilhete em que ele pede desculpas.
4	Se você não sabe o que aconteceu, foi isso mesmo que aconteceu: o sujeito roubou o
5	carro à mão armada, arrependeu-se, devolveu-o e deixou a seguinte explicação:
6	“Moça, desculpa ter roubado teu carro, me arrependi. Abandonei ele na rua 1º de
7	maio, não tirei nada dele. Só a mochila que eu ia dar para o meu filho, mas me arrependi e vou
8	abandonar ela perto do La Salle. Desculpa. Também sou vítima da sociedade, mas não sirvo
9	para ladrão. A arma era de brinquedo. Que o susto sirva de exemplo para nós dois. Para mim
10	também não foi fácil. Vou continuar procurando emprego. Nunca deixe a chave na ignição.
11	Você é muito linda e desculpe pelo que fiz você passar. Obs: A bolsa eu deixei você levar na
12	hora”.
13	O bilhete é breve, mas diz muito. O arrependimento depõe a favor dele, sem dúvida.
14	Como diz a Bíblia, haverá no céu mais júbilo pela entrada de um pecador que se arrepende do
15	que pelo ingresso de 99 justos que não precisam se arrepender.
16	Ótimo para os arrependidos.



17	Mas essas são coisas dos tribunais celestes e terráqueos. O ponto que me chamou a
18	atenção foi outro. Outros, na verdade. Primeiro: no fim da cartinha, o ladrão observa: “Você é
19	muito linda”. Fiquei pensando: se ela fosse feia, ou se fosse um homem, ele se arrependeria?
20	Não terá a beleza lhe amolecido o coração?
21	Essa é uma das funções evolutivas da beleza. Os filhotes, inclusive os dos humanos,
22	são bonitinhos por isso: para enternecer possíveis predadores.
23	Seja. O que importa realmente é outro naco de frase. É quando ele diz: “Também sou
24	vítima da sociedade”.
25	Que declaração bem brasileira, essa. Euclides da Cunha declara em Os sertões: “O
26	sertanejo é antes de tudo um forte”. Se escrevesse sobre toda a população, diria:
27	“O brasileiro é antes de tudo uma vítima”.
28	Todo brasileiro é um coitadinho. As mulheres são vítimas dos homens, os negros são
29	vítimas dos brancos, os homossexuais são vítimas dos heterossexuais, os pobres são vítimas
30	dos burgueses, o trabalhador é vítima do patrão, o patrão é vítima dos governantes e seus
31	impostos, o rico é vítima dos bandidos, os bandidos são vítimas da polícia, a polícia é vítima
32	do governo, que lhe paga mal, o Brasil inteirinho é vítima dos países desenvolvidos, que o
33	exploram.
34	Não existe um único brasileiro que não seja vítima de algo, o que é uma contradição,
35	porque nenhum brasileiro se acha opressor. Ninguém tem culpa de nada, no Brasil. Nenhum
36	brasileiro é responsável por nada do que acontece no país nem por sua própria situação. A
37	culpa é do chefe, do governo, da mídia, do vizinho, da mulher, dos outros. Sempre dos outros.
38	De quem é a culpa por aquele ladrão arrependido estar desempregado e não poder
39	comprar mochila para o filho? Da sociedade.
40	O que ele faz, então, para resolver seus problemas? Volta-se contra o culpado: bota
41	uma arma na cintura, mesmo que seja de brinquedo, e vai tomar da sociedade o que acredita
42	que a sociedade lhe deve.
43	Pensar assim é muito confortável. Você pode fazer o que quiser, está liberado. Você já
44	fez o que devia ter feito: nasceu e, melhor, nasceu brasileiro. Agora, o mundo é que deixe de
45	ser malvado e lhe dê o que você merece.

### **Leitura da crônica: “O ladrão arrependido”**

Pensar a leitura como processo discursivo requer compreender quem são os sujeitos da enunciação. Para identificar o sujeito enunciador, Patrick Charaudeau (2008, p. 63) explica que, ao invés de se perguntar “quem fala”, deve-se procurar responder “quem o texto faz falar” ou “quais sujeitos o texto faz falar”, visto que um ato de linguagem tem vários sujeitos (EUc-EUe; TUD-TUi).

Considerando a crônica “O ladrão arrependido” podemos considerar que o EU comunicador é o jornalista David Coimbra, pois ele assina a coluna semanal do Jornal Zero Hora. Enquanto jornalista, esse EUc seleciona um tema, um assunto atual para apresentar ao público leitor. Essa seleção depende do objetivo que o EUc institui para a criação do texto. Essa dupla seleção, já institui o discurso e, juntamente com ele, institui um EUe, que se dirige a um TUD, estabelecendo assim um ato de comunicação interenunciativo. Então, nesse jogo discursivo estabelecido, o EUc, por meio da materialidade do texto, marca sua posição no campo discursivo e institui do EUe no e pelo ato de produção e interpretação.

Há elementos linguísticos que explicitam a existência do EUe e de seu ponto de vista sobre o tema, por exemplo: “Fiquei pensando” (l. 20) e “O ponto que me chamou a atenção foi outro”(l. 18-19). Reconhecer que há um EUe nesta crônica, permite concebê-la como gênero argumentativo, porque “faz falar” um sujeito que defende explicitamente um

ponto de vista sobre o tema: repudia a ação do ladrão arrependido. Essa característica argumentativa contribui para a compreensão de que todo ato de comunicação tem uma intencionalidade. A crônica, que está em análise, é um gênero textual produzido para ser veiculado na imprensa, emprega um tom que seduz o leitor e busca persuadi-lo.

Isso, porque todo o ato de linguagem envolve diferentes estratégias do EUC, responsável por um certo efeito de discurso, produzido sobre o interpretante, que tem inúmeras possibilidades para a construção do sentido. O fato de o EUE, na crônica, repudiar a ação do ladrão arrependido, demonstra o modo argumentativo de organização do discurso, pode ser entendido como a proposta sobre o mundo que provoca um questionamento no leitor sobre a realidade brasileira. Dessa forma, como o gênero autorizado pelo contrato de comunicação que o rege, não requer uma construção composicional padrão, podemos verificar o emprego de diversas estratégias que o EUE emprega para revelar marcas de subjetividade.

Assim, o ato de ler não pode ser considerado simplesmente como a produção de uma mensagem enviada por um emissor a um receptor. Esse ato deve ser visto como um encontro dialético de quatro instâncias subjetivas que determinaram os dois processos: o primeiro é o de produção – um EUC que se dirige a um TUD; o segundo é o de interpretação – um TUI que idealiza uma imagem do EUE pelo que ele apresenta como sujeito enunciativo.

Esse EUE ao manifestar sua opinião, convida o leitor a refletir sobre esse tema e também a tomar uma posição a respeito do assunto tratado, por exemplo, por meio das perguntas retóricas: “Fiquei pensando: se ela fosse feia, ou se fosse um homem, ele se arrependeria? Não terá a beleza lhe amolecido o coração?” (l.20,21) e “De quem é a culpa por aquele ladrão arrependido estar desempregado e não poder comprar mochila para o filho?” (l. 40-41).

Ainda, esse EUE pressupõe que o TUD compartilhe de conhecimentos prévios compartilhados pela comunidade social a respeito de saberes religiosos e de conhecimentos literários, por exemplo em: “Como diz a Bíblia” (l. 15) e “Euclides da Cunha declara em Os sertões: “O sertanejo é antes de tudo um forte”.’ (l 26-27) Dessa forma, o contrato de comunicação exige um saber comum partilhado, entre o produtor e o receptor do texto midiático, que pode ser de ordem linguística, experiencial ou interdiscursiva, presente na troca linguageira. Por ambos se reconhecerem, devido a um saber comum partilhado, o primeiro escreve para o segundo, que, por sua vez, interpreta o primeiro.

À medida que avançamos na leitura, encontramos neste outro fragmento “Que declaração bem brasileira, essa. Euclides da Cunha declara em Os sertões: “O sertanejo é antes de tudo um forte”. Se escrevesse sobre toda a população, diria: “O brasileiro é antes de tudo uma vítima”. (l 26-28) a revelação de que é necessário que o TUI também comungue desse mesmo conhecimento, ou seja, conheça a obra de Euclides da Cunha para que o diálogo intertextual faça sentido, para que uma leitura comparativa pautada no atrito entre dois textos distintos faça emergir críticas à sociedade dividida em classe. Esse TUD é o leitor idealizado do texto midiático.

Segundo Charaudeau (2012):

A instância da recepção é portadora de um “conjunto ‘impreciso’ de valores éticos-sociais” e, acrescentemos, “afetivo-sociais” os quais devem

ser levados em conta pela instância midiática para poder apresentar uma informação mais ou menos de acordo com suas expectativas (CHARAUDEAU, 2012, p. 79).

O leitor é chamado a participar do ato interenunciativo e convocado no texto por “você” (linhas: 4, 46 e 47). Do seu lugar social, o leitor avalia a performance do EUC, transforma-se, ou não, num sujeito protagonista na leitura e na construção de sentidos para o discurso que se instaura. Se, enquanto TUD, ratifica essa informação e a torna passível de credibilidade, efetiva o contrato de comunicação e assume o papel de TUI no ato interenunciativo. Isso demonstra que a instância da recepção considera valores ético-sociais e afetivos-morais que influenciam na efetivação do contrato de comunicação. Por isso, o EUC, situado no mundo social e na instância midiática, consegue prever algumas expectativas do TUD, receptor do texto midiático, porque sabe que por meio do uso da língua, pode influenciar o TUD e atingir a intenção de comunicação do EUC.

Considerando os preceitos dessa teoria, todo ato é o resultado de operações linguístico-discursivas, realizadas por instâncias subjetivas, a partir de situações bem definidas. Esse modelo busca articular o discurso com uma rede de acontecimentos textuais e sociais, realizado por duas atividades complementares: a da produção e a da interpretação, regidas por espaços de estratégias – os diferentes tipos de configurações discursivas de que o sujeito comunicante dispõe para satisfazer as condições do contrato e atingir seus objetivos.

A noção de contrato pressupõe que seres sociais, pertencentes a um mesmo corpo social, estabelecem uma relação de cumplicidade em relação ao processo de comunicação. Nesse sentido, o texto aborda um fato singular em que o EUC constrói o discurso avaliando o ato do “ladrão arrependido” dentro de um quadro coerente de crenças e de hábitos sociais passíveis da confiança do TUD. A finalidade do ato de comunicação implícita no texto visa que o TUD tome consciência sobre a ação do “ladrão arrependido” e transforme-se em um TUI compartilhando ou refutando as convicções expostas pelo EUC.

Na instância da produção do discurso, conforme Charaudeau (2012, p. 82), “a instância midiática não age mais como uma construtora da informação, mas como responsável por uma empresa empenhada em rentabilizar seu produto comercial: a mídia.” Então o EUC, respeitando esse quadro de referência que dá origem ao discurso, institui o EUC que julga a performance do “ladrão arrependido” e afirma “Todo brasileiro é um coitadinho”(l. 29) construindo um questionamento que desconstrói a ideia expressa pelo “ladrão arrependido” em seu bilhete: “Também sou vítima da sociedade”(l. 9 e 10) porque “Pensar assim é muito confortável”(l.45).

Dessa forma, o discurso também revela um tom de humor e ironia, característica singular do gênero crônica que conquista muitos leitores da mídia. Leitores que estão na instância da recepção, ávidos por informações atuais que possam significar o mundo contemporâneo.

### **Considerações finais**

Ainda que empregado como recurso persuasivo por muitos veículos da mídia, o conceito de imparcialidade perde seu valor sob o olhar da semiolinguística. A crônica analisada não consegue apagar as marcas de subjetividade dos sujeitos envolvidos no discurso e se constitui como discurso que argumenta em defesa de uma ideia.

Os processos de leitura e de construção de sentido constituem-se foco de pesquisa no momento em que são reconhecidos pela sua relevância nas interações sociais e no processo do desenvolvimento cognitivo. Pelo viés da Análise do Discurso, é possível mobilizar dispositivos teóricos e metodológicos que permitem descrever como ocorre esse processo de construção de sentidos, considerando-se o discurso, o sujeito e a sociedade. Assim, o estudo da enunciação torna-se necessário para compreendermos como ocorre o processo de comunicação, conhecimento que pode refletir qualitativamente nos modos convencionais de ensinar, fazendo emergir reflexões que orientem o trabalho docente e, consequentemente, permitam ao leitor significar o mundo.

Desta forma, respondemos nossa indagação inicial: qual a contribuição dos estudos semiolinguísticos para a atividade de leitura dessa crônica jornalística? A análise do *corpus* com base na teoria semiolinguística nos revelou que há uma série de convenções e relações que os agentes responsáveis pela produção e recepção do discurso devem compartilhar para que o ato de comunicação se efetive, para que o contrato de comunicação seja respeitado. Porque o EUC, o EUE, o TUD e o TUI são entidades que passam a existir no discurso, no e pelo ato de produção e de interpretação. Assim, o processo de leitura perpassa a atividade humana e configura-se como atividade de produção de sentidos.

Entremada no fio discursivo, verificamos a constituição do sentido do texto, considerando a presença dos responsáveis pelo ato de linguagem interenunciativo, o contrato de comunicação e as instâncias da produção e da recepção do discurso. E compreendemos que o EUC e o EUE abordam com maestria um tema atual e fazem uso de estratégias que constituem o discurso de forma a tornar o leitor, TUI almejado, um cúmplice do processo de comunicação, capaz de até de fidelizar o público leitor.

## Referências

- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (orgs.). **Da língua ao discurso: reflexão para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 11-29.
- CHARAUDEAU, Patrick. O ato de linguagem como encenação. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; MACHADO, Ida Lúcia. (org.). **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 43-63.
- CHARAUDEAU, Patrick. O contrato de informação midiático. In: **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 65-93.
- COIMBRA, David. O ladrão arrependido. **Jornal Zero Hora**: Rio Grande do Sul, jun. 2016, p. 47.